

Crescem as iniciativas que resgatam a importância das mulheres no estudo e nas propostas de tratamento no campo da saúde mental



Fotos: Reprodução/Internet

**Nise da Silveira, recentemente interpretada por Glória Pires: filme sobre a psiquiatra é uma das ações que recuperam a contribuição de mulheres ao estudo da psicologia humana**

# Desbravadoras da mente

“É necessário se espantar, se indignar e se contagiar. Só assim é possível mudar a realidade”, defendeu Nise da Silveira em uma de suas últimas entrevistas, realizada em 1991, oito anos antes de sua morte, quando a médica psiquiatra tinha 89 anos. Ela levou o lema a sério. Muito antes das críticas ao tratamento dado aos pacientes de saúde mental nos anos 1960 e da reforma psiquiátrica proposta na década seguinte pelo italiano Franco Basaglia, um método inovador e humanizado, baseado na arteterapia, foi implementado por Nise no Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, sendo até hoje referência para profissionais da área.

A abordagem revolucionária da brasileira é o tema principal do filme *Nise — O coração da loucura*, estrelado por Glória Pires, em cartaz na cidade. No entanto, muito mais do que simplesmente apresentar ao público o trabalho da brasileira, a película de Roberto Berliner se insere em um movimento no qual se busca resgatar a importância que as mulheres tiveram no estudo e nas propostas de tratamento do sofrimento mental. Hoje, pesquisadores se esforçam para lançar luz sobre o trabalho dessas pioneiras, que, como Nise, foram fundamentais para a área, especialmente a partir da criação da psicanálise, por Sigmund Freud, na virada do século 19 para o 20.

“As mulheres tiveram um papel fundamental na construção e na fundação da psicanálise. Naquela época, elas tinham dificuldade de frequentar as universidades, as ciências eram dominadas pelos homens. Elas viram um ambiente favorável na psicanálise, que, no primeiro momento, não dependia muito de diplomas. Muitas dessas pioneiras eram pacientes e parentes dos primeiros psicanalistas”, conta o psicólogo Marcus Vinícius Neto Silva.

O especialista é um exemplo desse esforço de resgate das autoras que ajudaram a pensar a saúde mental. No ano passado, ele e a colega Érica Silva Espírito Santo criaram na Universidade

Federal de Minas Gerais (UFMG) o grupo de estudo Pioneiras da Psicanálise, que conta atualmente com 10 membros, todos alunos de graduação, mestrado ou doutorado da instituição. O objetivo é justamente pesquisar a vida e a obra dessas mulheres, refletindo sobre o impacto de suas produções teóricas e o alcance de suas proposições.

## Exceção

Na trajetória de Nise também é possível observar como as portas da ciência se abriam com muito mais facilidade para os homens. A alagoana de Maceió foi a única mulher entre os 137 alunos que se formaram em 1927 na Faculdade de Medicina da Bahia. Após a conclusão do curso, ela se mudou para o Rio de Janeiro e iniciou a residência médica no Hospital Psiquiátrico da Praia Vermelha, o primeiro do Brasil. Em 1934, tornou-se médica psiquiátrica do Ministério da Saúde e continuou a morar na capital fluminense.

Durante a Intentona Comunista, movimento que buscava derrubar o governo de Getúlio Vargas, Nise foi denunciada por uma enfermeira que havia visto livros marxistas em seu quarto. Ela ficou presa por um ano e meio e só pôde voltar a trabalhar em 1944. Quando retornou, encontrou métodos como o eletrochoque e a lobotomia estabelecidos nos hospitais psiquiátricos, práticas às quais se opôs.

Foi sua recusa em adotar as medidas de extrema violência que a levou à terapia ocupacional e, depois, à arteterapia. Nise percebeu que o trabalho com a pintura e a modelagem promovia uma mudança no estado de esquizofrênicos e serviam como forma de o terapeuta acessar as emoções e os conteúdos internos dos pacientes. Essa abordagem a fez entrar em contato com Carl Gustav Jung, discípulo de Freud que havia rompido com o pai da psicanálise algumas décadas antes e trabalhava, então, em sua psicologia analítica.

“Entre as formas mais recorrentes apresentadas pelos internos estavam as



**Um método perigoso, película que retrata Sabina Spielren e Jung**

circulares, que são, por excelência, uma imagem da unidade. Como pessoas partidas — esquizo significa cisão —, que perderam a unidade, podiam reproduzir tão frequentemente o símbolo da unidade? Ela mandou uma carta para Jung com as pinturas desses pacientes perguntando a ele se aquelas imagens poderiam ser consideradas mandalas e o porquê de aparecerem tantas vezes”. Ela mandou uma carta para Jung com as pinturas desses pacientes perguntando a ele se aquelas imagens poderiam ser consideradas mandalas e o porquê de aparecerem tantas vezes”, conta Luiz Carlos Mello, biógrafo da médica e diretor do Museu de Imagens do Inconsciente, criado nos anos 1950 para exibir os trabalhos artísticos dos internos.

A resposta do suíço chegou em menos de um mês. “Ele respondeu que, realmente, eram mandalas (círculo, em sânscrito), que nas religiões orientais são utilizadas como forma de meditação e que as imagens expressariam o potencial de cura da psique”, prossegue Mello. “A psicologia junguiana entra no Brasil a partir dessas imagens feitas nos ateliês dela.”

## Produtoras

Jung ficou tão interessado no trabalho de Nise que a convidou para visitar seu instituto e fazer uma exposição em Zurique durante o Segundo Congresso

Mundial de Psiquiatria, em 1957. “O fundamental aí é perceber que, enquanto Jung estudava suíços e alemães, pessoas com alto nível de educação e cultura, a doutora Nise estudava pessoas internadas em hospitais públicos no terceiro mundo. E as imagens que surgiam lá eram as mesmas que surgiam aqui”, observa Mello, autor do livro *Nise da Silveira: Caminhos de uma psiquiatria rebelde*. Muito mais que uma aprendiz de Jung, portanto, Nise foi uma real colaboradora.

Segundo Marcus Vinícius Silva, a participação de várias mulheres no início da psicanálise também não se restringiu a um mero aprendizado, mas de real produção da nascente teoria. O exemplo mais conhecido é o de Melanie Klein, uma das fundadoras do estudo da psicologia infantil. Contudo, muitas outras que fizeram pesquisas relevantes acabaram não tendo o mesmo reconhecimento.

Em um artigo escrito com Érica Espírito Santo, o psicólogo resgata algumas dessas autoras (**leia o quadro**) e investiga os motivos que contribuíram para que a produção delas acabasse esquecida. “Um dos fatores que motivaram essa investigação foi a impressão de que, no campo da psicanálise, essas autoras

acabam ocupando um lugar secundário em relação aos grandes nomes do movimento psicanalítico. O que se confirma em alguns casos, mas não em outros. As razões que as levam a serem colocadas em segundo plano podem ter alguma relação com o gênero, mas a confirmação dessa hipótese exigiria uma pesquisa ainda mais minuciosa”, escrevem no trabalho *A história das primeiras mulheres psicanalistas do início do século XX*, publicado na revista *história, histórias*, do Programa de Pós-graduação em História da UnB.

Os autores observam, contudo, que, apesar de a psicanálise ter aberto espaço à participação feminina, elas enfrentaram resistências. “Estranhamente, (elas) tiveram que lutar também aí para que suas vozes fossem ouvidas. A intensa resistência de Freud e seus discípulos às teorias dessas pioneiras foi vencida lentamente, e as mulheres foram ocupando gradativamente lugares cada vez mais importantes na construção da teoria e prática psicanalíticas”, afirmam.

## Reconhecimento

Passado mais de um século do início da psicanálise e da inauguração de uma forma mais compreensiva de abordar o sofrimento mental, a participação das mulheres nessa história volta a ganhar importância. Atualmente, está em cartaz no Museu Sigmund Freud, em Viena, uma exposição dedicada a mostrar a enorme influência que psicanalistas como Helene Deutsch, Anna Freud e Lou Andreas-Salomé tiveram sobre a obra freudiana.

Intitulada *So this is the strong sex* (Então este é o sexo forte) — uma frase usada certa vez por Emma Eckstein, uma das primeiras pacientes de Freud e também psicanalista, para ironizar a ideia da superioridade masculina —, a mostra fica em cartaz até 12 de junho. “É maravilhoso notar que o trabalho dessas mulheres pioneiras vem sendo resgatado mundialmente”, comemora Marcus Vinícius Silva.

## Elas fizeram a diferença

**Conheça algumas mulheres que contribuíram com os estudos iniciais da psicanálise e da saúde mental:**

### » Virgínia Leone Bicudo (1915-2003)

Primeira brasileira não médica a ser reconhecida como psicanalista. Filha de mãe italiana e pai negro, Virgínia é reconhecida como pioneira em estudos raciais no Brasil devido à dissertação de mestrado *Estudos de atitudes de pretos e mulatos em São Paulo*, defendida em 1945 na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP). Foi membro fundadora da Sociedade de Psicanálise de Brasília e ajudou a criar a *Revista Brasileira de Psicanálise*.



### » Sabina Spielren (1885-1942)

Uma das primeiras psicanalistas, Sabina é, talvez,

a mais conhecida pelo público leigo, mas isso não significa que sua obra seja devidamente apreciada. O interesse dedicado a ela passa muitas vezes por seu envolvimento com Jung e os conflitos que se desenvolveram a partir disso. Esse foi, inclusive, o foco do filme *Um método perigoso*, de 2011. Ao longo da carreira como psicanalista, publicou uma grande variedade de trabalhos. Seus mais de 30 artigos tratam de temas que vão desde psicoses à psicanálise de crianças.

### » Hermine Hug-Hellmuth (1871-1924)

Austriaca e de família tradicional, Hermine entrou para a Sociedade Psicanalítica de Viena em 1913. Nas reuniões, apresentou dois trabalhos: *Sobre alguns ensaios de Stanleyina Hall e sua escola, sob o ponto de vista da psicanálise* e *Jogos infantis*. Publicou mais de 30 artigos entre 1911 e 1924, principalmente sobre a psicologia infantil, o que a faz ser apontada como a primeira analista de crianças.

### » Lou Andreas-Salomé (1861-1937)

Nascida em São Petersburgo, no antigo Império

Russo, Lou passou a frequentar os salões de psicanálise vienense a partir de 1911. Publicou em 1914 o artigo *Sobre o feminino*, em que desenvolveu alguns pressupostos freudianos apresentados no famoso *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905. Nessa obra, discutiu a diferença entre os sexos e a passividade feminina, em oposição à atividade conflituosa que teria lugar nos homens.

### » Karen Horney (1885-1952)

A alemã começou a estudar medicina em 1906 e se tornou membro do Instituto de Psicanálise de Berlim em 1920, onde lecionou por 20 anos. Horney é considerada a primeira grande feminista do campo, devido a seus ataques ao modo como as mulheres eram tratadas pela teoria psicanalítica. Foi crítica principalmente do conceito de complexo de castração, que, segundo Freud, seria a inveja da mulher em relação ao pênis. Em 1932, mudou-se para os EUA. Em 1941, organizou a Academia Americana de Psicanálise, que presidiu até 1952, ano de sua morte.

### » Jeanne Lampl-de Groot (1895-1987)

Holandesa e de família rica, Jeanne se formou em medicina e, em 1922, foi para Viena estudar com Freud. Dedicou-se ao estudo da relação entre filha e mãe, colaborando para que o complexo de castração tomasse uma posição secundária na explicação da sexualidade feminina e levando a Freud revisar sua teoria.

### » Anna Freud (1895-1982)

Filha caçula de Sigmund Freud, também se dedicou ao estudo das crianças. Seu primeiro trabalho, apresentado em 1922, foi *Fantasia e devaneios diurnos de uma criança espancada*. Anna desempenhou um papel preponderante na história do movimento devido à sua metódica organização de documentos, textos e cartas importantes. Graças a ela, tais papéis foram



guardados e catalogados, fornecendo uma infinidade de material para pesquisa.

### » Ruth Mack Brunswick (1897-1946)

Americana formada em medicina pela Tufts Medical School, Ruth chegou a Viena em 1922 para ser analisada por Freud. Com relação a sua contribuição teórica, esteve entre as analistas que discutiram a sexualidade feminina e a relação da menina com a mãe, também fazendo com que o pai da psicanálise revisse algumas de suas proposições no fim da década de 1920 e início da de 1930.

### » Helene Deutsch (1906-1982)

Polonesa formada em medicina pela Universidade de Viena, passou a frequentar a Sociedade Psicanalítica de Viena em 1911. Sua monografia *Sobre a psicanálise das funções sexuais da mulher*, de 1925, foi a primeira dedicada à psicologia feminina. Seu livro *Psicologia da mulher* foi, em 1949, a referência psicanalítica maior de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*.